

Agostini fora, ainda em 1889, para longa permanência, não lhe pertencera, por isso, a responsabilidade da áspera nota da *Revista Ilustrada*, nos fins de 1890, pelo atentado à *Tribuna*, mas à de Artur Miranda. Depois de condenar o órgão monarquista, “molécula infectada no organismo da nossa imprensa”, acrescentara: “Mas somos pela liberdade de opinião. (...) O ataque à *Tribuna* causou-nos enojamento. Foi um ato de barbaria nada admirável na Cafrária. Jamais pensamos que na capital federal houvesse um grupo de homens tão miseráveis, tão iníquos, ao ponto de desbaratarem um jornal, jamais nos passou pela idéia que este fato tão mesquinho, tão repugnante, tivesse lugar sob o regime de *todas* as liberdades concedidas pela lei. . .” A nota era severa e tanto mais corajosa quando se considera que a depredação da *Tribuna* fora obra de militares, que o Governo Provisório, realmente ditatorial, era exercido por um militar. Os acontecimentos não perturbam, entretanto, as viagens à Europa: Bilac vai, em 1890, a serviço da *Cidade do Rio*; Patrocínio irá, em 1892; Ferreira de Araújo, em 1893, escrevendo, então, as *Cartas de um Ausente*.

A morte do revisor da *Tribuna*, João Ferreira Romariz, gravemente ferido no atentado ao jornal, mantém as atenções voltadas para o caso, que encontra repercussão no Congresso e agrava a cisão entre este e Deodoro, particularmente pela intransigência de Prudente de Moraes. Aristides Lobo, em entrevista ao *Diário de São Paulo*, não esconde suas apreensões: “Abre-se para os inimigos da República o ensejo para as grandes explorações. A descrença pública, cada vez mais cavada e mais profunda, dissolverá uma a uma as últimas energias”. Interesses e simpatias ligadas ao regime extinto movimentam-se, agrupam-se. Em fins de 1890, ultimam-se os preparativos para lançamento de novo jornal, reunindo elementos contrários à República: em carta a Joaquim Nabuco, então em Londres, de 18 de dezembro, Rodolfo Dantas anuncia aqueles preparativos e lhe pede que aceite o lugar de correspondente na Inglaterra, enviando cartas, como vinha fazendo para o *Jornal do Comércio*, além de notícias, por 35 libras mensais, convite que Nabuco aceitou prontamente.

Além de Dantas, comporiam a direção Henrique de Villeneuve, que deixaria o *Jornal do Comércio*, como gerente, e Sancho de Barros Pimentel, que seria o chefe da redação, de que fariam parte Gusmão Lobo, Sousa Ferreira, Antônio de Sousa Pinto, José Veríssimo, M. Said Ali, Ulisses Viana, Pedro Leão Veloso Filho, o barão do Rio Branco e, com função coordenadora, Constâncio Alves, antigo redator-chefe do *Diário da Bahia*, muito chegado a Dantas. A redação ficou à rua Gonçalves Dias, 56, e foi encomendado material à casa Marinoni, de Roma. Não chegando em tempo, pois o lançamento fora fixado para 9 de abril de 1891, em homenagem ao